SERRA DO CABRAL, MINAS GERAIS: um patrimônio arqueológico e ambiental ainda em busca de preservação

Lúcia Pangaio[1]

Paulo Seda[2]

Resumo

Disjunta da Cadeia do Espinhaço, a Serra do Cabral, no Centro-Norte de Minas Gerais chama a atenção dos cientistas, de botânicos a arqueólogos, que desde a década de 1980 realizam pesquisas nessa área. Essas pesquisas resultaram em teses e dissertações que embasaram o que veio a ser o Parque Estadual da Serra do Cabral – PESCabral. No ano de 2005 o Governo do Estado de Minas Gerais criou o PESCabral, resultado em boa parte desses estudos, demonstrando ser também uma área especial, juntamente com a Serra do Cipó e Grão-Mogol. A área do Parque com 22.500 hectares abrange os municípios de Buenópolis e Joaquim Felício. Em junho de 2010 foi aprovada, pelo Conselho Consultivo, a extensão da Unidade de Conservação, incluindo as áreas onde se localizam a maioria dos sítios arqueológicos, até então sem a devida proteção. No momento estão sendo realizadas as medições visando esta ampliação. A flora da Serra do Cabral nos permite afirmar que seu ambiente é estável, pois algumas plantas ali existentes possuem mais de 500 anos e só sobrevivem em ambientes ecologicamente estáveis. A ocupação arqueológica, por sua vez, indica a manutenção de características bastante arcaicas, até períodos muito recentes. Apesar de inúmeras tentativas e da participação dos pesquisadores do nosso grupo no Conselho Consultivo do Parque e na elaboração de laudos, tanto o ambiente quanto os sítios arqueológicos ainda se mantêm por si mesmos, sem qualquer programa especial de proteção. Esse trabalho, na verdade, é uma discussão sobre a necessidade de ações mais efetivas de preservação de sítios arqueológicos da região, em consonância com a proposta de criação do Parque.

Palavras-chave: Serra do Cabral; flora; sítios arqueológicos; patrimônio arqueológico; preservação.

[1]Centro Universitário Moacyr Bastos/Instituto Brasileiro de Pesquisas Arqueológicas - IBPA, Rua Engenheiro Trindade, 229, Campo Grande, Brasil, luciapangaio@gmail. Botânica, Diretora Secretária do IBPA.

[2]Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ/Instituto Brasileiro de Pesquisas Arqueológicas - IBPA, Rua São Francisco Xavier, 524, Rio de Janeiro, Brasil, prgseda@gmail.com. Arqueólogo, Chefe do Dep. E Arqueologia – UERJ; Diretor Presidente do IBPA.

Introdução: localização e dados ambientais

A região da Serra do Cabral localiza-se no médio vale sanfranciscano em Minas Gerais, entre as bacias dos rios das Velhas e Jequitaí, dos quais é divisor de águas. Inserida no complexo de rochas da Série Itacolomi, encontra-se, hoje, disjunta do "complexo" Espinhaço, do qual faz parte, por uma depressão que chega a ultrapassar 40 km de largura, cortada hoje pela rodovia que liga a região de Belo Horizonte à de Montes Claros (Figura 1). Tendo seu eixo mais longo no sentido norte/sul, a Serra é constituída, sobretudo, por conglomerados quartzíticos e areníticos, ambos apresentando-se sob a forma de matacões, conformando um relevo ruiniforme, ocorrendo ainda afloramentos de cristal de quartzo e, raramente, filitos.[3]

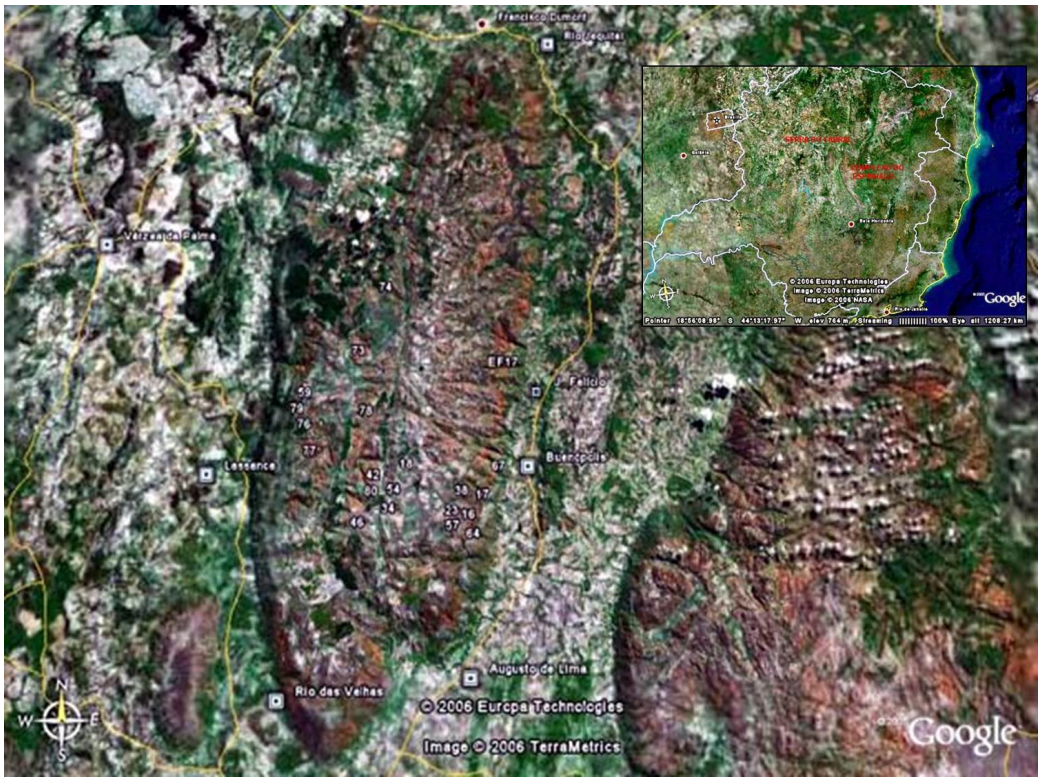

Figura 1- Minas Gerais e Serra do Cabral com alguns dos Sítios Arqueológicos localizados.

[3] Matacões são "blocos inicialmente fraturados por tensões. ...É comum apresentarem redes de diaclases ortogonais" (MAIO, 1980: 94), sendo que no relevo ruiniforme "a passagem dos climas, pela mudança de ambiente a que foi submetida à formação, a rocha retraiu-se, dando como resultado uma série de aberturas distribuídas em várias direções,..., a desintegração da rocha é evidentemente acelerada. (...) advém, por conseguinte do seccionamento de antiga extensão, que aos poucos se subdividiu em compartimentos menores..." (op.cit.: 129-132), que por vezes lembram "ruínas".

O acesso à região, pela vertente oriental, se dá por duas estradas partindo de Joaquim Felício e de Buenópolis, sendo esta última, até pouco tempo, somente transitável por veículos com tração ou a cavalo. O acesso pela vertente ocidental é realizado a partir de Várzea da Palma, Augusto de Lima (sul) e Francisco Dumont (norte).[4]

O relevo é pouco acidentado, com rochas hoje muito resistentes à erosão, pois além dos dobramentos, tais rochas dessa série sofreram intrusões de pegmatitos, rochas diamantíferas e diabásio. O alto da Serra do Cabral é marcado por uma chapada que surge entre 900 e 1.000m de altitude, após uma subida íngreme. Essa paisagem de chapada, porém, freqüentemente é quebrada por elevações escarpadas, que por vezes atingem dimensões e alturas consideráveis. A essas elevações, a população local denomina igualmente de "serra". Seu ponto culminante localiza-se a 1.391m de altitude, na região de Joaquim Felício.

A temperatura da Serra, como de resto das regiões elevadas do Espinhaço é o Cwb de Köppen (temperado de altitude, com verões brandos e invernos frescos) ou, segundo Nimer (1977), Mesotérmico Brando, com temperatura amena e média anual entre 19 e 18ºc, característico nessas áreas, com cota altimétrica de 900 e 1.000m. As geadas, embora raras, já foram registradas no local. A precipitação média anual no trimestre mais chuvoso fica entre 600 e 1.000mm.

Uma das características mais marcantes da Serra do Cabral é o volume de águas onde mesmo em períodos de estiagem, entre os meses de abril e outubro, observa-se a presença de córregos caudalosos, que apesar de apresentarem níveis mais baixos, permanecem encachoeirados (Figura 2). Esse fato faz com que os criadores de gado levem suas reses para o alto da Serra no período de estiagem e faz com que, hoje, a Serra seja considerada uma "caixa d'água" (Seda 1998).

Quanto à cobertura vegetal da região, nota-se a presença dos cerrados (predominando nas encostas), dos cerradões (sobretudo nas áreas mais baixas e onde ocorrem solos mais irrigados e mais ricos em sais minerais) e os campos limpos, que são predominantes e recobrem a região nas altitudes superiores a 900-1000m (Figuras 3, e 4). Ocorrem ainda, ocasionalmente, as matas ciliares e a vegetação peculiar às terras baixas e alagadiças, onde predominam as palmáceas (Figura 5). Desta forma, a Serra deve ser compreendida como possuidora de nichos ecológicos diversificados, devido, sobretudo à altitude que, oscilando nos 1.000m, ameniza o clima.

[4] Na verdade, as vertentes ocidental e oriental podem ser acessadas a partir de qualquer destas estradas, cruzando-se a Serra.

Figura 2- Córrego do Purgante, vertente Ocidental da Serra, no mês de março.

Fiigura 3 – Cerrado mexido, próximo à Lapa do Nego II (em frente à estrada).

Figura 4 - Cerradão em frente à Lapa do Palmito II, na Serra do Palmito.

Figura 5 - Mata ciliar, com Buritis (*Mauritia flexuosa*), acompanhando o córrego. Ao fundo, a Serra do Palmito.

Pangaio (2010), partindo dos levantamentos arqueológicos, realizou levantamento florístico na Chapada de Buenópolis, onde, além de confirmar a variedade de ambientes, aponta a identificação de uma nova espécie botânica, o estabelecimento de seis padrões de distribuição geográfica para as espécies encontradas, além do reconhecimento de 40 espécies endêmicas do Espinhaço, sendo quatro delas exclusivas da Serra do Cabral.

Tal diversidade de nichos ecológicos implica em diversidade de recursos, o que se reflete, sobretudo, no seu reconhecimento, ainda hoje infelizmente, como área propícia à caça e a sua utilização para tal.[5] As emas, seriemas, codornas, cervídeos, mocós, cachorros-do-mato, tius, gambás, tatus, etc., ainda são comuns (Figura 6). Sitiantes mais antigos falam mesmo em antas, guarás, caititus e onças habitando o local, que ainda podem ser encontrados, mas com mais raridade. Os rios, porém, são considerados poucos piscosos. A região deveria oferecer assim, aos grupos antigos, excelentes condições de subsistência e, devido à diversidade de nichos, recursos durante todo o ano. Mesmo pouco piscosos, há uma abundante rede hidrográfica, que forma inúmeras cachoeiras e piscinas naturais, que compõem, juntamente com os afloramentos rochosos, as veredas, matas e campos naturais, paisagens de grande beleza.

Figura 6 - Ema, animal ainda observável, no meio do campo.

[5] Segundo informações locais, os clubes de caçadores de Belo Horizonte costumavam realizar verdadeiros "safáris" na região. Hoje, embora ainda haja episódios de caça, cresce a conscientização contra esta prática, além da própria repressão, seja pela gerência do Parque Estadual, seja pela administração da SCAI e da V&M.

As atividades econômicas desenvolvidas na vertente oriental da serra (municípios de Joaquim Felício, Buenópolis e Augusto de Lima) são pouco consistentes, como a coleta de flores secas, a garimpagem de cristal de quartzo, criação de gado extensivo. Na vertente ocidental a situação é diversa: graças a extensas áreas planas de solos mais propícios, desenvolveu-se ali um grande projeto agro-silvicultural, de plantio de Pinus, pela empresa Serra do Cabral Agro Indústria Ltda., que, atualmente, estão sendo substituídos por eucalipto pela Vallourec & Mannesmann (V&M).[6]

Além disto, a Serra costuma ser utilizada como área de invernada para o gado, pois ali a seca, quando chega, é de forma bem atenuada.

Histórico das Pesquisas

Pela necessidade de desenvolvimento de pesquisas arqueológicas sistemáticas nesta região de Minas Gerais, a partir de julho/90, sob financiamento da Fundação Banco do Brasil - FBB, CNPq, Smithsonian Institution, NGS – National Geographic Society, além do apoio da Prefeitura Municipal de Buenópolis, iniciou-se, em 1990, o Projeto de Pesquisas Arqueológicas Serra do Cabral.

O Projeto objetivou aprofundar os níveis de nosso conhecimento arqueológico desta região de Minas Gerais, partindo-se dos dados advindos de pesquisas extensivas realizadas por equipes do Instituto de Arqueologia Brasileira - IAB no médio vale do São Francisco[7].

A região da Serra do Cabral foi prospeccionada pela primeira vez em 1972, quando pesquisas do IAB atingiram o médio vale do São Francisco, tendo sido pesquisados os Municípios de Lassance e Joaquim Felício, localizando-se três sítios. O Município de Joaquim Felício foi novamente visitado em 1974, localizando-se um quarto sítio (Cf. CARVALHO e CHEUICHE, 1975 e CARVALHO e SEDA, 1982). Em 1983, retornamos a região, desta feita ao Município de Buenópolis (Cf. SEDA, SILVA e MENEZES, 1984; SEDA e ANDRADE, 1989 e SEDA, 1988), tendo sido registrados oito sítios. A partir de então, percebendo a potencialidade da região, sentimos a necessidade de desenvolvermos um projeto específico de pesquisa, que se materializou a partir de 1990, através do Projeto Serra do Cabral, sob coordenação geral do co-autor.

[6] Em 2006 uma terceira empresa instalou um projeto de plantio de eucalipto na Chapada de Buenópolis, que se encontra embargado pelo MP, uma vez que requisitos legais não foram cumpridos.

[7] Inicialmente o Projeto foi desenvolvido através do IAB, a partir de 1994 através do IAB e UERJ e, atualmente, no âmbito do IBPA e UERJ.

Foram então realizadas seis etapas de campo (julho e novembro de 1990, julho de 1991, 92, 93, 94, 96, 99, 2000 e 2002), tendo o Município de Buenópolis como área core, elevando-se para 63 o número de sítios ali localizados, com a extensão das pesquisas a outras áreas da Serra (norte) e a escavação de dois sítios na região. A partir de 2006, com a extensão das pesquisas a vertente ocidental (julho de 2006, março de 2007, fevereiro de 2008 e março 2009) localizamos mais 32 sítios (Municípios de Lassance, Augusto de Lima, Várzea da Palma e Francisco Dumont).

A região foi escolhida devido aos dados já recolhidos até então, que apontavam a existência de uma importante tradição rupestre, estabelecendo uma ligação entre Lagoa Santa (Tradição Planalto) e o norte de Minas Gerais (Tradição São Francisco), sem que, até o início do Projeto, se tivesse localizado qualquer sítio que indicasse uma ocupação mais permanente. Contudo, a escavação do sítio MG-VF-15 Lapa Pintada III, trouxe novos subsídios ao estudo da ocupação antiga local e com ela foi atingindo plenamente os objetivos do Projeto. Os dados da escavação apontam para uma ocupação de grupos caçador-coletores, confirmando o que era indicado pelo estilo das pinturas rupestres.

Previsto inicialmente para cinco anos, os trabalhos estenderam-se e concentraram-se em uma primeira etapa na chapada da região de Buenópolis, localizando-se 63 sítios arqueológicos e onde a partir de 1991 foi escavada a Lapa Pintada III. Entre 1999 e 2002 escavamos um segundo sítio na região, a Lapa da Dança e iniciamos os trabalhos na área centro-norte do Projeto (Município de Joaquim Felício), localizando-se mais cinco sítios e prevendo-se, a partir de então, pelo menos mais sete anos de pesquisas na Serra.

A partir de 2006, demos início a um levantamento sistemático da vertente ocidental da Serra, até então pouco pesquisada. A oportunidade para isto surgiu a partir da iniciativa da SCAI – Serra do Cabral Agro Indústria Ltda. (empresa que realiza plantio de *Pinnus* sp) de firmar conosco um convênio para efetivação de pesquisas acadêmicas em suas propriedades, que englobavam justamente boa parte da vertente ocidental.[8] Partindo deste convênio, obteve-se, naquele mesmo ano, auxílio do CNPq, para dois anos de pesquisas. As pesquisas nesta vertente da Serra ampliaram para 95 o número de sítios conhecidos.

A pesquisa vem sendo acompanhada de competente análise laboratorial, já tendo resultado em dissertações de mestrado e teses de doutorado (inclusive em outra área de conhecimento, que não Arqueologia, como a Botânica), além de diversos outros

[8] Em 2008 a maior parte da propriedade da SCAI foi vendida para a V&M.

trabalhos. Pretende-se que a interpretação dos dados totais dos sítios resulte na elaboração de um trabalho monográfico.

Vimos regularmente visitando a região, uma vez que realizamos, anualmente, laudo técnico sobre os sítios para a Prefeitura Municipal de Buenópolis, com vistas ao IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais e atualmente integramos o Conselho Consultivo do Parque Estadual da Serra do Cabral, com sede igualmente em Buenópolis.

Atualmente, se contabilizam mais de 100 sítios arqueológicos espalhados por toda a Serra do Cabral: 60 na vertente oriental e 42 na vertente ocidental.[9] Destes, dois estão reservados para escavação: a Lapa do Jambeiro na vertente oriental e a Lapa do Pau d'Óleo na vertente ocidental (Figura 7). Além disso, novos sítios, ainda não registrados, vêm sendo indicados pela atuação dos guarda-parques.

Figura 7- Lapa do Pau d'Óleo, vertente ocidental, reservado para escavação.

Evidentemente, trata-se de um Projeto ambicioso e que somente pode ser executado em longo prazo, não tendo um término previsto. Desta forma, em uma primeira etapa, as

[9] Durante a realização dos laudos localizamos mais um sítio em Buenópolis e durante a elaboração do plano de manejo do parque (vertente oriental) foram localizados mais cinco sítios.

pesquisas se concentraram na chapada de Buenópolis, realizando-se prospecções nos diversos abrigos e grutas localizados, procedendo-se à documentação de arte rupestre, abertura de cortes testes, quando procedente, levantamento de dados acerca do meio ambiente e registro da cultura material moderna presente em tais abrigos. Nesta primeira fase (Etapa I do Projeto), foi escavada a Lapa Pintada III, a partir de 1991. Entre 1999 e 2002 foi escavado um segundo sítio na região, a Lapa da Dança (Etapa II do Projeto) e realizou-se rápido trabalho na área centro-norte do Projeto (Município de Joaquim Felício), localizando-se mais seis sítios. A Etapa III é caracterizada pela expansão das pesquisas a vertente ocidental da Serra, e encontra-se em andamento.

Dados Arqueológicos

Os trabalhos já realizados na Serra do Cabral revelaram um considerável potencial arqueológico na região, sobretudo no que diz respeito à arte rupestre. A serra chama atenção pela ocorrência de inúmeras pinturas, destacando-se, visualmente, zoomorfos de grande tamanho e detalhamento (Figuras 8, 9 e 10).

Figura 8- Lapa do Nego II, vertente oriental da Serra. Painel com zoomorfos.

Figura 9- Lapa dos Peixes, bagres no painel. Vertente Oriental da Serra.

Figura 10- Lapa do Peixe Grande, vertente ocidental da Serra.

Durante as pesquisas de 1983, foi possível, através da consulta a caçadores da região, a identificação da maior parte da fauna representada na arte rupestre, o que permitiu a organização em grupos taxonômicos da maioria dos zoomorfos. Esta identificação é por vezes tão precisa que permite, em alguns casos, a determinação do sexo e da idade do animal representado. Isto permitiu desenvolver uma metodologia de identificação e classificação que é seguida até hoje (SEDA e ANDRADE, 1989). Por outro lado, as prospecções não haviam revelado, até o início do Projeto, qualquer sítio que indicasse uma ocupação mais permanente: apenas os sítios Lapa do Nego II, Pintada III e Pedras Altas (este em Joaquim Felício) apresentaram, além de pinturas, material cerâmico (o primeiro e o último) e lítico (todos os três), porém de forma superficial.

O quartzito é a rocha-base de todos os sítios. Todos são de acesso relativamente fácil, estão próximos a fontes de água (no máximo 1Km) e possuem pinturas rupestres. No que diz respeito à conservação, alguns sítios se encontram bastante danificados pela sua utilização por garimpeiros de cristal, coletores de flores secas e caçadores, além de fatores naturais (sol, vento, chuva). A grande maioria, porém, apresenta um estado de conservação que permite um estudo bastante detalhado.

Todos os sítios apresentam pinturas semelhantes, podendo-se perceber pelo menos três momentos diferentes para a execução das pinturas (expressos através da análise dos esfoliamentos e das superposições). Ao momento mais antigo correspondem, sobretudo, os zoomorfos lineares com preenchimento por traços e que parecem eclipsar as demais. Ao segundo, associam-se figuras menores, pouco elaboradas, com pouca noção de movimento e executadas, principalmente, em silhueta. Percebe-se também neste segundo momento, uma diminuição na ocorrência dos zoomorfos (embora ainda predominem), enquanto aumenta a freqüência das não figurativas. Quanto ao tratamento, as figuras esquemáticas têm um significativo aumento no segundo momento. O terceiro, sobre o qual tínhamos dúvidas e as pesquisas o esclareceram e caracterizaram, é marcado por conjuntos de pontos que, normalmente, são contornados por um traço.

Desta forma, tudo leva a crer que exista uma seqüência cronológica, em que as pinturas mais antigas seriam as lineares, seguidas das executadas principalmente em silhueta. O terceiro momento, representado por séries de pontos, é percentualmente muito pouco significativo. Evidentemente, representações lineares podem ocorrer ligadas ao segundo momento e vice-versa, porém a predominância destas em momentos diferentes foi comprovada pelas análises.

Outra característica importante das pinturas, que sempre ressaltamos, é que embora a maior parte se enquadre nos postulados da Tradição Planalto (característica de Lagoa Santa, ao sul), percebemos diversos elementos típicos da Tradição São Francisco (característica do norte do Estado). Isto levou-nos a propor a ideia de que a Serra do Cabral seria uma área de transição entre as duas tradições, o que é corroborado pela sua própria posição geográfica. Esta hipótese ficou mais consolidada com as pesquisas na vertente ocidental, onde encontramos não apenas elementos, mas painéis típicos da Tradição São Francisco.

No entanto, do total de sítios até aqui localizados, somente dois apresentaram solo arqueológico, possibilitando a escavação.[10]

O primeiro deles, a Lapa Pintada III (escavado entre julho/91 e julho/96), é uma gruta de boas dimensões (14 x 18)m, com vestígios ocupacionais, de antiguidade indubitável, até 80cm de profundidade. Foram escavados 62m^2, revelando, sobretudo nos níveis mais profundos, uma significativa ocorrência de artefatos líticos: são plano-convexos, raspadores, batedores e outros, tendo como matéria prima básica o quartzito. Destes, os mais representativos são uma série de raspadores em plaquetas de quartzito. Artefatos em cristal de quartzo também ocorreram, destacando-se uma belíssima ponta bifacial. Amostras de carvão foram enviadas para análise de C-14, colocando a ocupação da gruta em um horizonte entre 310+50 (Beta 72237) e 1650+60 (Beta 63738). As escavações nos permitiram perceber, ter sido a Lapa Pintada III ocupada, principalmente, por grupos caçadores-coletores. Trata-se de um local de acampamento, utilizado principalmente para confecção de instrumentos, entre outras atividades, mas que não implicavam em uma permanência mais prolongada, uma vez que os restos alimentares são mínimos, embora, aparentemente, não houvesse maiores problemas para a sua conservação (SEDA & DINIZ, 1992; SEDA & PANGAIO, 1997; SEDA, 1998).

O segundo Sítio, Lapa da Dança, é um conjunto de cinco blocos dos quais o Bloco I é o único que apresenta uma pequena área abrigada (7 X 2,5)m. Em julho de 1999 iniciamos a escavação deste sítio, realizando quatro cortes de (2 x 2)m. Em julho de 2002, a escavação foi completada com a realização de mais quatro cortes de (2 x 2)m. Evidências de ocupação ocorreram até por volta dos 60cm, exceto no setor B-2, com vestígios até os 70cm. No que se refere ao material arqueológico, predomina o lítico,

[10] Dois outros sítios estão selecionados para escavação: a Lapa do Jambeiro, na vertente ocidental e a Lapa do Pau d'Óleo na vertente oriental. Este último se apresenta como um sítio importantíssimo, uma vez que parece haver pinturas soterradas pelo sedimento, o que pode permitir datá-las.

particularmente aquele sobre quartzito. A análise de laboratório dos instrumentos localizados nesta primeira etapa de escavações indica que o material lítico da Lapa da Dança, a princípio, parece diferenciar-se daquele coletado na Lapa Pintada III, por suas dimensões visivelmente menores (SEDA; MENEZES; CAVALCANTE, 2001). Predominam os artefatos sobre plaquetas e lascas de quartzito, ocorrem pequenos artefatos em cristal de quartzo (discoidais e em bico, por exemplo), destacando-se uma belíssima ponta bifacialmente trabalhada e com pedúnculo (a primeira inteira encontrada na Serra do Cabral até o momento), além de um plano-convexo fragmentado em sílex. Em termos de estruturas, estas também se evidenciaram nos setores B-1 e B-2 (sobretudo no primeiro), onde identificamos uma área de lascamento entre os blocos. Além disto, no setor B-3, a partir de 25cm, ficou evidente uma fogueira na parede dois, indo até a profundidade de 74cm. Infelizmente, esta fogueira, além de menos espessa do que se supunha, era composta basicamente por cinza e carvão.

Desta forma, a localização, na área estudada, de apenas dois sítios com vestígios ocupacionais profundos, em meio a inúmeros exclusivamente com arte rupestre, nos permitiu propor um modelo de ocupação tendo um sítio central, acompanhado de diversos outros periféricos (ou satélites) e, em termos de função, classificá-los, com base em seus vestígios, como oficinas líticas e cerimoniais. Por outro lado, o estudo das características ambientais da Serra do Cabral, levou-nos a considerá-la como um verdadeiro refúgio para estas populações antigas, permitindo a preservação de aspectos sociais arcaicos e resistentes à mudança, fazendo com que, enquanto a região central do Estado de Minas Gerais era ocupada por povos horticultores, a Serra do Cabral permanecesse ocupada pelos seus antigos povoadores. O estudo botânico de Pangaio (2010) vem corroborar este isolamento da Serra do Cabral.

Diante deste quadro, duas questões se impuseram: a primeira entender porque, dos inúmeros sítios localizados, apenas dois tiveram uma ocupação mais efetiva; segundo, a aparente contradição entre as características arcaicas dos instrumentos localizados nas escavações (sobretudo um número expressivo de plano-convexos, o que remeteria aos períodos mais antigos da ocupação de nosso território) e a recentidade das datações obtidas.

Em relação à primeira questão, a partir do que observamos hoje acerca do meio ambiente da região, é possível supormos que os grupos antigos tivessem à sua disposição recursos ainda mais abundantes e permanentes, já que a diversidade de nichos ecológicos implica em recursos durante todo o ano. Assim, somos tentados a

acreditar que as populações vivessem efetivamente na região, em abrigos ainda não localizados ou em sítios a céu aberto, igualmente não localizados. Quanto a não localização de sítios a céu aberto, sem abandonar sua procura, a partir da consulta a especialistas, estamos cada vez mais convencidos da enorme dificuldade em localizá-los em função da geomorfologia da área, marcada por "forte antropização, alguns vales encaixados e/ou com vertentes íngremes e dissecação, fatores que costumam destruir ou mascarar/soterrar os sítios".[11]

Quanto à aparente contradição entre as características dos instrumentos encontrados e as datas obtidas, devemos ressaltar que, para que ocorra a permanência ou a mudança, é preciso que haja estímulos, sejam de caráter ambiental, sejam de caráter social. Diante do quadro apresentado para os sítios escavados, podemos entender que, na Serra do Cabral, os estímulos para mudanças eram muito baixos, enquanto os estímulos para permanência muito altos.

Acreditamos que, naquela região, a complexidade e diversificação do ecossistema, sobretudo quanto à cobertura vegetal, seria a base para entendermos a permanência, até recentemente, de uma ocupação de características arcaicas bem marcadas. Ou seja, ali os estímulos, sobretudo a partir do ambiente, seriam bem maiores para a permanência do que para a mudança, o que teria levado ao desenvolvimento de mecanismos de rejeição a inovações profundas, como a horticultura: grupos portadores desta inovação só teriam penetrado na região bem mais recentemente (após 300 A.P.) e, assim mesmo, de forma tímida.

Pesquisas futuras podem mudar o modelo adotado e esta perspectiva, lembrando que dois outros sítios estão reservados para escavação. Mas, devemos ressaltar que a Serra encontra-se hoje praticamente toda prospeccionada (as duas vertentes) e os sítios que sustentam esta visão já ultrapassam uma centena.

Preservação

Pelo relatado acima, fica claro que a Serra do Cabral possui um patrimônio cultural e natural inestimáveis. Este patrimônio impressiona tanto que, em 2011, durante a realização do Curso Internacional de Arte Rupestre realizado na região, o professor

[11] Comentário pessoal do Dr. Júlio Cezar Rubin de Rubin, especialista em Geoarqueologia do IGPA/PUC-GO.

Emmanuel Anati – Centro Camuno de Studi Preistorici – um dos decanos dos estudos de arte rupestre, expressou sua opinião de que a Serra, por sua paisagem e conjunto de sítios, merecia um lugar como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

Evidentemente, proteger, preservar e divulgar este patrimônio é fundamental.

Desde o início dos trabalhos de arqueologia, temos proposto e desenvolvido uma série de atividades visando estas ações. Estas ações têm sido desenvolvidas e apresentadas à Prefeitura Municipal de Buenópolis, uma vez que na vertente ocidental os sítios se encontram dentro de propriedade privada, o que torna mais difícil as ações.

Algumas destas ações foram bem imediatas ou sem maior profundidade, como, por exemplo, exposição fotográfica no Banco do Brasil de Buenópolis, ocorrida logo no início dos trabalhos, bem como outra exposição, da mesma natureza, realizada durante a "Festa do Fazendeiro", importante e concorrido festival realizado anualmente na cidade e atraindo público de toda a região e mesmo de pontos mais distantes.

Outra atividade extremamente informal, mas efetiva, foi, durante todo o trabalho, a recepção no próprio campo, nos sítios, a pessoas que circulavam pela região. Embora isto demandasse tempo, obrigasse o deslocamento de algum pesquisador para realizar a recepção, nossa postura foi de nunca afastar as pessoas dos sítios, mas sim atraí-las para ali, entendendo que os pesquisadores é que eram os "intrusos". Assim, a cada pessoa que nos visitava ou encontrávamos, explicávamos todo o trabalho, mostrávamos tudo, esclarecíamos a importância do trabalho o que iríamos fazer com o material que estávamos recolhendo. Isto se mostrava ainda mais importante, pelo costume de parte da população (de baixa renda) usar os abrigos como moradia, durante atividades de coleta de flores ou garimpo de cristal de quartzo. Palestras de divulgação também foram realizadas em Buenópolis.

Estas atividades, embora muito imediatas, sem profundidade e informais, foram extremante importantes, no sentido de estreitarmos contatos e nos tornamos conhecidos na região. Por outro lado, tentamos desenvolver algumas ações de maior profundidade, principalmente junto a diversas administrações municipais de Buenópolis.

A primeira destas ações ocorreu em 2001, quando, contando a participação de Bolsistas de IC e Extensão da UERJ, organizamos a "Cartilha Arqueológica da Serra do Cabral" (SEDA et al., 2001). A cartilha versa, de forma didática, sobre o patrimônio arqueológico da Serra do Cabral. Para isto, aborda os seguintes pontos: o que é a Serra do Cabral; o que é patrimônio (os diferentes tipos de patrimônio); o que é arqueologia; como o

arqueólogo trabalha e como ele descobre as coisas; a história antiga da Serra do Cabral; a ocupação atual da Serra; como proceder nos sítios arqueológicos e diante de um achado. A cartilha se encerra com um glossário. Infelizmente, nunca se obteve apoio para a publicação desta cartilha.

Paralelamente a cartilha, ainda com apoio de bolsistas, produzimos uma série de pranchas, utilizando uma estratégia interessante para contar a História Antiga da Serra do Cabral, a partir dos vestígios arqueológicos. Em uma destas pranchas, por exemplo, a partir de um instrumento de rocha, encontrado nas escavações e retratado na mão de um arqueólogo, dá-se um corte e coloca-se esse mesmo instrumento nas mãos de um antigo ocupante da Serra, mostrando para que ele servia e como era usado. Estas pranchas, embora nunca tenham sido reunidas em uma publicação, vêm sendo um instrumento didático extremamente eficiente na divulgação dos trabalhos.

Já em 2006 encaminhamos a Prefeitura Municipal de Buenópolis o Projeto Preserve Serra, de preservação e divulgação dos sítios arqueológicos da chapada de Buenópolis. Neste projeto, apresentamos um programa de medidas, intervenções e atividades visando à preservação dos sítios, baseado em 13 ações: 1. fixação, em todos os sítios, de placa padronizada, informando o nome do sítio, o número da lei de proteção a sítios arqueológicos e os lemas “não destrua” e “proteja”; 2. criação de uma logomarca, a ser também colocada em todos os sítios (podendo fazer parte da placa) que identifica-se, logo à primeira vista, tratar-se de um sítio arqueológico; 3. impedir desmatamento junto aos sítios; 4. medidas especiais nos sítios Lapa Pintada e Lapa da Dança, que são os que foram escavados, permitindo a conservação e a visitação; 5. realização de cursos de reciclagem para os professores da rede escolar da cidade, com aulas sobre patrimônio, meio ambiente, Arqueologia Brasileira, pré-história (brasileira, mineira e da Serra), com os próprios professores locais se encarregando de apresentar temas como História de Buenópolis, formando um quadro de professores “multiplicadores”; 6. criação de meios audiovisuais, de acordo com as possibilidades e disponibilidades do Município, para auxiliar os professores multiplicadores; 7. realização de oficinas de arqueologia com os alunos da rede escolar; 8. efetivação da cartilha sobre patrimônio e arqueologia da Serra do Cabral; 9. elaboração de uma história em quadrinhos, utilizando personagens locais, como o garimpeiro de cristal de quartzo, explicando a importância da Serra, a Arqueologia local e o trabalho dos arqueólogos; 10. implantação da temática “História Antiga da Serra do Cabral” nas escolas da Rede Municipal; 11. criação de um sistema de “guias mirins” treinados para visitas guiadas a Serra; 12. realização de um filme sobre a

Arqueologia da Serra do Cabral; 13. criação de um Museu de Arqueologia e História Natural no Município.

Portanto, a proposta objetivava não só preservar, como introjetar na comunidade a importância e significado dos sítios arqueológicos, o que representaria a mais eficiente medida de proteção aos sítios.

Apesar de várias conversas com a administração municipal, o projeto não foi efetivado, mesmo mostrando-se que ações poderiam ser implantadas, evidentemente, de forma gradativa. Alegou-se, além da eterna falta de recursos, o fato de que o plano de manejo do Parque estava sendo elaborado. Na verdade, algumas das ações propostas, a pedido da Prefeitura Municipal, acabaram apresentadas de forma separada. Assim, no ano de 2007, após apresentarmos a Cartilha, expusemos uma proposta de efetivação de um curso de divulgação da Arqueologia da Serra do Cabral. Organizado para dois dias, o curso foi reduzido para um dia. Acabou sendo efetivado desta forma, com a ideia de que ocorresse outras vezes, mas de fato isto ficou somente na ideia.

Neste mesmo ano, também a pedido da Prefeitura Municipal, ampliamos a proposta de instalação de placas padronizadas nos sítios: além das informações citadas anteriormente, as placas deveriam conter a coordenada do sítio e um resumo sobre o mesmo. Os sítios foram divididos em: Prioritários, Prioridade Secundária e Não Prioritários. As prioridades foram estabelecidas não necessariamente pela importância do sítio, mas, sobretudo por sua proximidade com a estrada que corta a região. Além disso, levantamos junto ao IPHAN modelos de placas para os sítios. Tudo isto, como solicitado foi encaminhado a Prefeitura Municipal, mas não efetivado.

Em relação à proposta de criação de um Museu de Arqueologia e História Natural, de fato algo bastante difícil de ser concretizada, acabou se materializando, de certa forma, na instalação de uma pequena sala de exposição de arqueologia na sede do Parque.

Fica claro, portanto, que apesar da preocupação e iniciativa dos pesquisadores, um programa de preservação do patrimônio da Serra do Cabral nunca foi de fato efetivado. Curiosamente, a maior contribuição dos pesquisadores acabou se dando de forma indireta, através da criação do parque estadual na região.

O Parque Estadual da Serra do Cabral

O PESCabral – Parque Estadual da Serra do Cabral foi criado no ano de 2005 pelo Governo do Estado de Minas Gerais, através do decreto Estadual número 44.121/05 de

29 de setembro de 2005, com uma extensão de 105.737,04m, com área de 22.500 hectares e abrangendo os municípios de Buenópolis e Joaquim Felício. O Parque foi concebido como uma Unidade de Conservação de Uso Integral, gerenciada pelo IEF/MG – Instituto Estadual de Florestas, onde é permitida a pesquisa científica licenciada, ações de educação ambiental e ecoturismo (Figuras 11, 12 e 13).

Figura 11- Exposição sobre a Serra do Cabral, na Sede do PESCabral.

Figura 12- Sede do PESCabral, antiga casa da Rede Ferroviária.

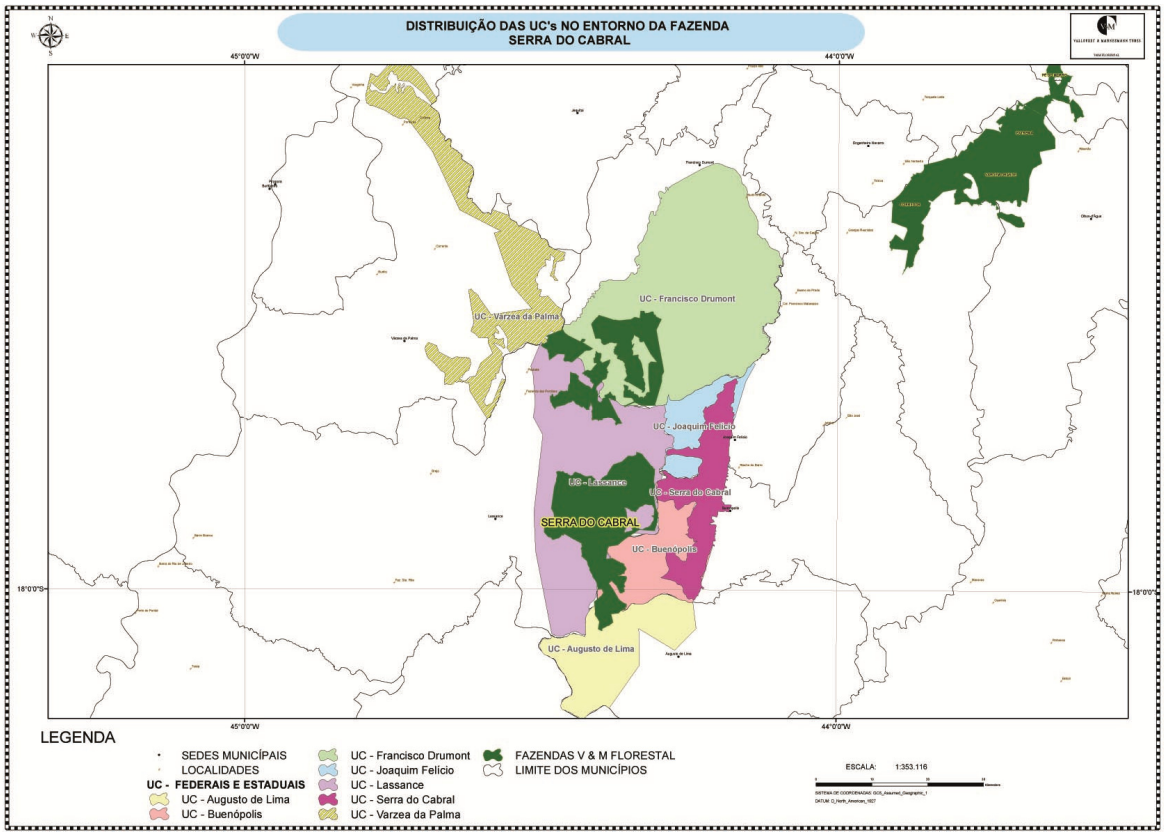

Figura 13- Mapa das APAs do entorno da Serra do Cabral.

A criação do Parque, como de praxe, seguiu um esquema bastante autoritário, em que nem a população e nem os pesquisadores foram ouvidos em qualquer momento. Isto, evidentemente trouxe problemas significativos.

Com relação à população, gerou, em primeiro momento, um clima bastante conflituoso, de revolta, uma vez que pessoas que possuem propriedade há mais de 30 anos na Serra e, de uma hora para outra tiveram que interromper as atividades que desenvolviam ali, a espera de uma indenização que todos sabem ser extremamente lenta e longínqua. Felizmente, pela atuação inteligente da gerência do Parque, os ânimos hoje já se encontram bem mais calmos.

Quanto aos pesquisadores, sem dúvida o Parque é resultado dos estudos ali realizados, demonstrando toda a sua riqueza e ser também uma área especial, juntamente com a Serra do Cipó e Grão-Mogol, pela disjunção (SEDA, 1998; GIULIETTI *et al.* 1997; PIRANI, 2003). No caso específico da Arqueologia, cujos estudos foram fundamentais, diversos trechos que justificam a criação do Parque foram tirados diretamente dos trabalhos dos pesquisadores, evidentemente sem qualquer referência. Por outro lado, a

não participação dos pesquisadores trouxe consequências muito mais sérias do que a falta de referência.

Primeiro, a área do Parque é mínima em relação a extensão e riqueza da Serra, o que por si só já não abarcaria áreas importantíssimas. Segundo, quando da demarcação, para nossa surpresa, 90% dos sítios de Buenópolis (e os mais significativos) ficaram fora da área do Parque. Criou-se, esta forma, um Parque bem aquém do necessário e do que se esperava.

O Parque permaneceu apenas como um decreto até 2007, quando a instalação de um projeto de plantio de eucaliptos (Fazenda Vitória) trouxe uma grande mudança na situação. O projeto foi instalado no alto da Serra, no entorno do Parque, em Buenópolis, próximo a sítios arqueológicos e não foram feitos os estudos necessários a sua instalação. Além disso, em função do plantio, a estrada que liga Buenópolis ao alto da Serra foi reformada, sem qualquer cuidado, preocupação com o meio ou com os sítios e seu entorno. Como a reforma foi feita no período de chuvas, em diversos pontos ocorreu uma grande movimentação de terra e cascalho (retirada) para aterrar a estrada. Estes pontos, que distam de 100m a 1km dos sítios, além de modificarem a paisagem, prejudicaram tremendamente o entorno dos sítios e em diversos casos a estrada passou a estar bem mais próxima dos sítios, enquanto em outros, ocorreu uma grande movimentação de máquinas em frente aos sítios – vegetação amassada, derrubada, solo revirado, etc. – e há até mesmo em pelo menos um deles, durante as obras, os operários se instalaram nos sítios para preparo de comida, etc. O terreno do plantio, propriamente dito, era um imenso campo, onde se viam bandos de emas e, as poucas árvores que existiam foram derrubadas tratores e correntes.

Toda esta intervenção indevida levou a uma reação por parte da população de Buenópolis (na verdade bastante dividida), gerando uma denúncia ao MPE – Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Com base em nosso laudo, o MPE embargou o projeto de plantio e promoveu uma audiência pública em Buenópolis, da qual resultou a manutenção do embargo e a efetivação da gerência do Parque, cuja sede ficou instalada em Buenópolis. A partir de então, o Parque passou a existir de fato.

Assim sendo, uma série de medidas, que vão do combate e prevenção a incêndios, até atividades de educação ambiental começaram a ser implantadas. Bem mais timidamente, se percebe que os sítios estão mais protegidos, embora esta proteção não se faça da forma sistemática como se espera.

Importantíssimo também, foi a criação, em 2009, do Conselho Consultivo do PESCabral, do qual, deste então, o co-autor é um dos conselheiros. O Conselho é formado por representantes de diversos segmentos da sociedade, desde responsáveis por órgãos públicos ambientais até a população residente e/ou do entorno do Parque, bem como do setor privado comprovadamente atuantes na área de abrangência da Unidade de Conservação ou em seu entorno. Atuamos no segmento da comunidade científica.

A partir de sua criação, toda e qualquer intervenção na área do Parque ou seu entorno tem que ser discutida e aprovada no âmbito do Conselho e, embora ele seja apenas consultivo, seu posicionamento é importantíssimo e, até hoje, todas as suas decisões foram respeitadas tanto pela Gerência do Parque, quanto pelo IEF. Mais de um pedido de anuência para instalação de empreendimentos econômicos no entrono do Parque já foram barrados pelo Conselho, onde, felizmente, a maioria dos integrantes tem uma visão de preservação do local.

Outro fato importante e que demonstra a atuação e a importância do Conselho, foi a aprovação do Plano de Manejo do Parque incluindo a sua ampliação, bem como do seu entorno. Essa ampliação inclui as áreas onde se localizam os sítios arqueológicos na chapada de Buenópolis, até então sem a devida proteção, além das nascentes de córregos importantíssimos que desaguam na vertente oriental, como Riachão e Embaiassaia, responsáveis pelo abastecimento das áreas urbanas dos municípios de Buenópolis e Joaquim Felício, respectivamente.

Acreditamos desta forma, que, apesar de todos os problemas, haja uma dinamização nas atividades de preservação da Serra do Cabral.

Conclusão

Desde 2006, vimos realizando laudos para a Prefeitura Municipal de Buenópolis, sobre os sítios arqueológicos da região, cujo conjunto está registrado como bem cultural junto ao IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Este registro é extremamente importante para a Prefeitura, devido ao ICMS Patrimônio Cultural, que gera repasses para o Município. Desta forma, temos podido verificar a situação do patrimônio arqueológico e perceber, melhoras em meio a inúmeros problemas que permanecem.

O conjunto de sítios arqueológicos da Serra do Cabral, no Município de Buenópolis, pode ser considerado como tendo um estado de conservação de regular para bom, apesar da

inexistência de qualquer tipo de manejo até aqui. Contudo, esta classificação merece algumas ressalvas, para que não ocorram interpretações apressadas.

A maioria dos sítios classificados com bom estado de conservação encontra-se na região da serra do Cuba, separada da estrada principal por um córrego (sem ponte) do mesmo nome e acessada por uma estrada relativamente escondida, com estado de conservação regular (recentemente reformada). Por outro lado, o contraste entre o estado de conservação de alguns sítios é imenso: enquanto a maioria dos da região da serra do Cuba estão em excelente estado de conservação, sítios como Lapa Pintada III, importantíssimo, conhecido de toda a população regional e Lapa do Buriti estão em uma situação trágica. Os sítios mais ameaçados são, sem dúvida, os que se encontram à beira da estrada e a reforma de 2006 os ameaça ainda mais, o que fica claro quando se contrasta a localização dos pontos mais críticos da reforma com a localização dos sítios.

Contudo, mesmo na beira da estrada, é possível encontrar diversos sítios em bom estado de conservação, o que indica que sua localização implica em dois pontos distintos e contraditórios: ao mesmo tempo em que os torna mais vulneráveis devido à facilidade de acesso, também os torna mais fáceis de serem monitorados, pela mesma razão, dentro de um possível plano de manejo ou preservação. Mesmo alguns sítios considerados como regular ou em bom estado, necessitariam uma intervenção, uma vez que já é possível perceber-se, mesmo neles, alguns problemas naturais ou antrópicos.

Desta forma, sítios que em laudos anteriores foram classificados como bom, em laudos posteriores podem ser classificados como bom, mas necessitando de intervenção, devido às intensas queimadas que ainda assolam o local, além de, em menor número, ocorrer novas pichações. Outros sítios poderiam passar para regulares, mas a intervenção irregular na estrada não permite tal classificação.

Os maiores problemas ou danos observados nos sítios, desta forma, estão ligados aos incêndios, às intervenções na estrada e a visitas/uso indevido dos sítios: fogueiras, fuligem, desmatamento, acampamento, pichações, etc. Deve-se ressaltar, que alguns sítios considerados como de conservação regular ou ruim, já se encontravam nesse estado quando de sua descoberta: de lá para cá a coisa somente se agravou. O mesmo se passa com aqueles considerados como de conservação boa: já estavam assim quando descobertos e assim se mantêm por sua própria sorte. Outro ponto a destacar, é que as atuais intervenções na estrada são realizadas pela própria Prefeitura Municipal.

O caso mais grave, sem dúvida alguma, é o do sítio Lapa Pintada III. Sítio mais importante do conjunto possui uma longa história de depredação: escavado na década de

1990, já apresentava seu teto totalmente coberto de fuligem, além de inúmeros vestígios de garimpeiros de cristal de quartzo, coletores de flores secas e caçadores. Mesmo assim, escavado, o sítio revelou um valiosíssimo material das primeiras populações que ocuparam a Serra do Cabral. É o único, de todo o conjunto, com datação: 1650 a 300 anos atrás. Após a escavação, o sítio não sofreu qualquer tipo de proteção e sua situação vem piorando a cada ano, com novas depredações, como por exemplo o entulhamento da escavação e as pichações, apesar de ter sido elaborado projeto de recuperação do mesmo. Desta forma, é mais do que urgente uma intervenção neste sítio. Pelo menos a área da escavação pode ser restaurada.

Por outro lado, ficou claro na última vistoria, confirmando a anterior, que não foram identificadas intervenções como acampamentos, fogueiras, etc. Exceção disso é o sítio acima citado, onde há sempre vestígios novos. Ou seja, parece que nos últimos anos os sítios foram muito menos visitados. O problema principal, portanto, está ligado aos incêndios, o que não é um problema pequeno, muito pelo contrário. Neste sentido, uma recomendação, sempre feita, seria acerar o entorno dos sítios: embora a área da Fazenda Vitória venha sendo atingida por queimadas, o fogo não atinge o reflorestamento, devido ao acero. Já o sítio Lapa do Nego II, na mesma região, tem que contar com a sorte.

Concluindo, o que se constata, é que o conjunto de sítios arqueológicos da Serra do Cabral, no Município de Buenópolis, continua na mesma situação, embora menos visitados nos últimos anos: além de não possuírem qualquer programa especial de preservação/monitoramento, está a cada dia mais vulnerável. Chama atenção e causa temor o fato de alguns sítios apresentarem problemas novos. Deve-se ressaltar ainda, que as atuais intervenções na estrada, a implantação do projeto de plantio de eucaliptos (Fazenda Vitória), a tentativa de implantação de um novo projeto de reflorestamento, vetado pelo Conselho do PESCabral, além de revelar todo um descaso com o ambiente e os sítios arqueológicos, continua a ferir a legislação federal que regula a proteção dos sítios e à pesquisa arqueológica, já que, até o momento, nenhum trabalho de arqueologia foi feito no local, nem se tomou qualquer medida para minimizar os efeitos da intervenção. Destaca-se, inclusive, que alguns dos sítios encontram-se dentro da área do Parque Estadual da Serra do Cabral (não todos infelizmente) e todos estão inseridos na área da APA da Serra do Cabral e no entorno do PESCabral.

É recomendável, portanto, a efetivação de um programa de proteção e manejo dos sítios, bem como a ampliação da área do Parque, abrangendo todos os sítios. Enquanto isto

não acontece, recomenda-se que Prefeitura Municipal e Gerência do Parque promovam, pelo menos, uma limpeza regular dos sítios, uma vez que alguns dos vestígios já se acumulam há algum tempo nas lapas.

Qualquer tentativa de implantação de novos projetos de reflorestamento deve ser vetada. Uma possível ampliação do Parque, como já está proposta, faria divisa com estas áreas. Deve-se também ficar atento ao que dita à legislação:

Resolução CONAMA 428/10 em seu artigo 5º:

Art. 5o Nos processos de licenciamento ambiental de empreendimentos não sujeitos a EIA/RIMA, o órgão ambiental licenciador deverá dar ciência ao órgão responsável pela administração da UC, quando o empreendimento:

I - puder causar impacto direto em UC;

II - estiver localizado na sua ZA; ou

III - estiver localizado no limite de até 2 mil metros da UC, cuja ZA não tenha sido estabelecida no prazo de até 5 anos a partir da data da publicação desta Resolução.

§ 1o Os órgãos licenciadores deverão disponibilizar na rede mundial de computadores as informações sobre os processos de licenciamento em curso.

§ 2o Em se tratando de Áreas Urbanas Consolidadas, das APAs e RPPNs, não se aplicará o disposto no inciso III.

Embora a arqueologia não esteja explicitamente referenciada na resolução, a existência de sítios arqueológicos em todo o entorno do Parque, como pode ser percebido pelo mapeamento, deve ser considerada. De fato, uma intervenção arqueológica somente seria necessária, caso algum projeto seja efetivado, o que esperamos não aconteça. Contudo, vale lembrar que a legislação preconiza que sítios arqueológicos são Patrimônio da União (Lei 3924 de 26/07/1961) e, desta forma, já são naturalmente protegidos, mesmo aqueles ainda não conhecidos. Por sua vez, a Constituição de 1988, Cap. II, dispõe sobre a proteção aos sítios arqueológicos e o papel de Estados e Municípios em sua conservação, enquanto a Resolução CONAMA Nº 001, de 23/01/1986, estabelece o levantamento arqueológico prévio a empreendimentos geradores de impacto ambiental previsto. Assim, implantar qualquer projeto que venha a realizar movimentação de solo, como reflorestamento, sem trabalho prévio de arqueologia, implica em grave infração à legislação.

Consideramos então urgente a Prefeitura Municipal implantar um projeto de preservação

dos sítios arqueológicos. O PESCabral deve necessariamente estar envolvido nestas ações: além de suas atividades de Educação Ambiental, consideramos necessário que ampliem as de Educação Patrimonial, inserindo cada vez mais o Patrimônio Arqueológico. Este patrimônio precisa ter a mesma atenção que possuem a fauna e a flora, não há e nem pode haver uma ordem de grandeza de importância entre as diversas expressões do patrimônio.

Por fim, é preciso que Prefeitura Municipal de Buenópolis e PESCabral estreitem cada vez mais a colaboração: ações do Parque e da Prefeitura têm o mesmo sentido e importância, não se justificando um distanciamento entre os dois.

Referências

CARVALHO, Eliana; CHEUICHE, Lilia. Arte rupestre das cavernas e abrigos da região norte mineira. *Espeleologia*, n.10, p. 199-209, 1976.

CARVALHO, Eliana; SEDA, Paulo R.G.. Os sítios com sinalações pesquisados pelo IAB: um guia para cadastramento. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, n.9, p. 23-67, 1982.

GIULIETTI, Ana Maria *et al*. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: caracterização e lista das espécies. *Bol. Bot. Univ,* v. 9, p.1-151, 1987.

MAIO, Celeste Rodrigues. *Geomorfologia do Brasil: fotos e comentários*. Rio de Janeiro: IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (folhas soltas), 1980.

NIMER, Edmon. Clima. In: *IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Geografia do Brasil 3: Região Sudeste. Rio de Janeiro: SERGRAF-IBGE, v.3, p. 51-89, 1977.

PANGAIO, Lúcia. *Dos Cerrados aos Campos Rupestres: florística, fisionomia e padrões de distribuição geográfica na Chapada de Buenópolis, Serra do Cabral, MG*. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2010.

PIRANI, José R. Flora de Grão-Mogol, Minas Gerais: Anacardiaceae. *Bol. Bot. Univ.*, v.21, n.1, p.61-65, 2003.

SEDA, Paulo. *A caça e a arte: os caçadores-pintores pré-históricos da Serra do Cabral, Minas Gerais*. *Tese* (Doutorado), História Social, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

SEDA, Paulo; ANDRADE, Gilda. As representações zoomorfas da arte rupestre da Serra do Cabral: uma tentativa de identificação e classificação taxionômica. *Dédalo*, Pub. av., n. 1, p. 343-361, 1989.

SEDA, Paulo; DINIZ, Kátia G.. Escavações arqueológicas na Serra do Cabral: o sítio MG-VF-15, Lapa Pintada III. *Anais....* VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro: SAB/Finep/ CNPq/UNESA, 1992. p.258-266.

SEDA Paulo; MENEZES, Rosângela; CAVALCANTE, Munique. Os instrumentos líticos das Lapas Pintada e da Dança, Serra do Cabral, MG: estudo comparativo. *Anais....* XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007, Rio de Janeiro. SAB *A arqueologia do novo milênio*. Rio de Janeiro: SAB, 2007. p. 1-19.

SEDA, Paulo; PANGAIO, Lúcia. Estrategistas r e K e populações pré-históricas: a distribuição energética na Serra do Cabral, MG. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, v. 10, p. 33-49, 1997.

SEDA, Paulo *et al*. *Cartilha arqueológica da Serra do Cabral*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Sub-Reitoria de Extensão/Programa de Estudos da Pré-História Brasileira, 2001 (no prelo).

SEDA, Paulo; SILVA, L. P. R.; MENEZES, R.. A arte rupestre da Serra do Cabral (MG) e a ocupação humana nos abrigos da região: abordagem inicial. *Arquivos do Museu de História Natural*, v. 8/9, p. 155-84, 1984. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/areas-protegidas/210?task=view.. Acesso em: 26 out. 2016